

Aditamento ao «*Signum Salomonis*»

(Vid. supra, p. 203)

Durante o trabalho de composição tipografica, paginação, e impresso do artigo intitulado *Signum Salomonis* colhi outros apontamentos que importa aditar-lhe.

1. O pentalfa apparece no alfabeto dos Indios Mikmaks da America do Norte, e significa aí *mayok*, isto é «no ceu»: vid. Carl Faulmann, *Das Buch der Schrift*, Viena 1880, p. 11 (repetidamente). A escrita d'este povo, como o A. diz, era outr'ora comum aos primitivos habitantes do Canadá.—Temos aqui talvez, quanto á origem, um problema analogo ao da existencia do suástica tambem na America: cf. Th. Wilson, «The suastika» in *Annual Report of the Board of regents of the Smithsonian Institution* (Report of the U. S. National Museum), Washington 1896, p. 879. Ha, de facto, certa analogia entre a historia dos dois sinais, o pentalfa ou hexalfa, e o suástica: ambos têm origem muito remota, e extensa área de propagação.

2. No tomo XI de *Cérémonies et coutumes religieuses de tous les peuples du monde*, Paris 1810 (liv. 5.<sup>o</sup>), estampa 6.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>, figuram talismans com o pentalfa e o hexalfa.—Devo esta informação ao D.<sup>or</sup> Artur Lamas, que me mostrou a obra.

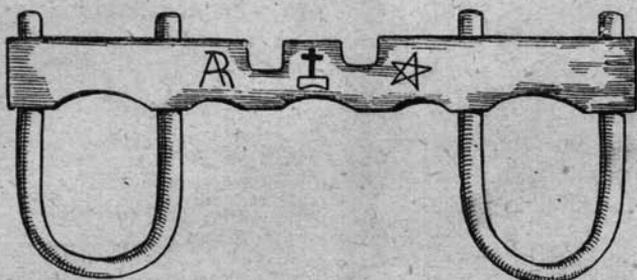
3. Acêrca do uso do hexalfa e do pentalfa na idade-média vid. tambem A. Demmin, *Encyclopédie des beaux-arts plastiques*, vol. I, p. 184.

4. Num trabalho que ultimamente me enviou o Sr. W. Deonna, intitulado «Les croyances relig. et superst. de la Genève antérieure au Christianisme» (separata du *Bullet. de l'Institut Nation. Genevois*, XLII, 209 sgs.), e escrito com o acume e erudição habituais d'este autor, ha breves alusões ao pentalfa e hexalfa, a pp. 204, 316, 365, em parte concordantes com as que eu fizera supra. O trabalho do S.<sup>or</sup> Deonna deu-me conhecimento de uma noticia acêrca do pentalfa, inserida por F. Röck no *Globus*, 1909, pp. 7-9, a qual sinto não ter podido ler antes de estar impresso o meu estudo.

5. Em Vila-do-Conde dizem que o pentalfa livra de mau olhado.—Quem está dentro do *sinsalamão* está livre do Diabo (Ponte do Lima).—O amuleto do *sino-salamõ* compra-se na feira, dá-se a benzer ao padre da fréguesia, e ata-se com uma fitinha de seda, lã, etc., ao pulsinho direito de uma criança, e livra-a de maus ares e do Pecado. «Bonda ser o sino-salamõ, tem a cruz, e arrenega o Diabo. Arrenegado ele seja!» (assim me disse uma mulher do concelho de

Melgaço). O *Pecado* é o Diabo. «Os *maus ares* vêm com os ares, de cemiterios, etc.: vêm com os ventos! sabe Deus d'onde!» (acrescentou a mesma mulher).

6. Nas *cangas* que jungem os bois, em Aveiro, figura por vezes o pentalfa, «por causa das Bruxas», ainda que se diz tambem que «o boi, por ter cornos, não é embruxado». Mas é bom sempre reforçar as acções mágicas umas com as outras! — Na figura adjunta re-



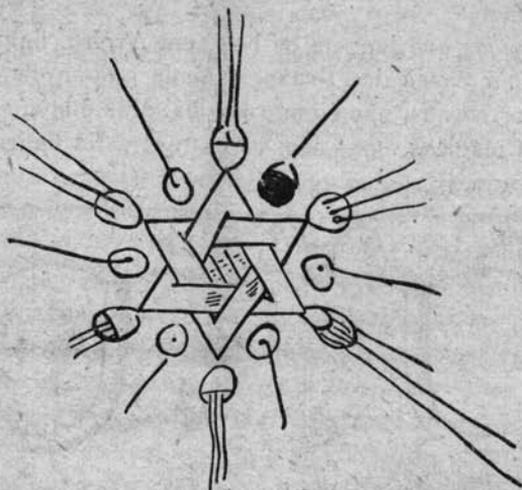
Canga de Melgaço

produzo uma *canga* de bois, que observei no concelho de Melgaço, e foi lá desenhada pelo S.<sup>or</sup> Ventura Duarte Igrejas: na frente, ao meio, está inseculpada uma cruz, que tem á sua direita «A» «R» ligados (iniciais do nome do dono), e á sua esquerda um pentalfa. O comprimento da canga é 1 metro.

7. Sei que ha em Aveiro uma mulher que tem no antebraço direito uma tatuagem azul, feita em 1861, constante de um crucifixo ladeado dos emblemas do martirio, e encimado do sol & da lua, e bem assim das iniciais «I. N. R. I»; na tabaqueira anatomica esquerda tem um hexalfa, que encerra um ornato imperceptivel (talvez estrela), e está encimado de uma cruz posta sobre uma peanha, vendo-se em volta de tudo oito pontos.

8. Um pergaminho de 1490, proveniente do convento de Jesus, de Aveiro, e ora na Repartição de Fazenda da mesma cidade, está escrito e assinado por um tabelião que usa como «sinal» dois triangulos elegantemente enlaçados, de modo que constituem um hexalfa; em volta d'este agrupam-se varios ornatos de fantasia, em numero de doze. Vid. a fig. da página seguinte. — Numa folha-de-guarda do foral da vila de Soure, de 1513, ha uma assinatura do sec. XVI, feita com o pentalfa, que foi traçado entre *Amtam* e *Lopez*. — O mesmo sinal aparece num documento de 1649, de um livro de notas do tabelião Antonio Arnao: na Lousã, em poder do D.<sup>or</sup> Carlos Sacadura (o termo da abertura é de 1639, assinado por *João de Saa*). — As *chaves de S. Pedro*, que se vêem na fig. 179-bis, — sinal de ta-

belião—, aparecem em sinais de notarios apostolicos de França: Guigue, *De l'origine de la signature*, já cit., p. 68.—As figs. 227-228,



Sinal do tabelião de um pergaminho do sec. XV  
do Convento de Jesus de Aveiro na Repartição do Fazenda

de que falei a p. 265, e a que comparei outras *ibidem*, as quais terão acaso character mágico, existem tambem em França: vid. Guigue, est. VII, n.º 19, etc.

9. Entre várias siglas do mosteiro da Ermida do Paiva (Castro-Daire) conta-se o pentalfa, como o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Aarão de Lacerda mostrará no livro que tem no prelo sob o titulo de *O Templo das siglas*.—No *Catálogo* do Museu do Carmo, Lisboa 1891, n.º 3:898, lê-se: «Pedra com o signo de Salomão, achada nas ruínas do edificio do Carmo». Esta pedra não aparece, apesar de procurada. Provavelmente era pedra sepulcral, como as de que falo no meu estudo.

10. Informa-me o S.<sup>or</sup> Major Fernando Barreiros de que na capa de um romance intitulado *Rosquedo*, de Delfim Guimarães, Lisboa 1912, se desenha uma fonte de Ponte do Lima, e que na mesma se vê um hexalfa que contém no centro um ponto.

11. O artista Bordalo Pinheiro serviu-se do *sino-saimão dobrado*, como tipo de ornamentação de azulejos. Esse *sino-saimão* é formado por quatro azulejos ligados entre si. Vi espécimes no Museu Industrial do Porto.—O *sino-saimão dobrado* não é conhecido em todo o país: assim, por exemplo, no Alto-Minho nunca ouvi falar nele, apesar de ser muito supersticiosa a gente de lá, e de attribuir grande valor mágico ao pentalfa.